

A MORTE COMO TABU CONTEMPORÂNEO: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E A NEGAÇÃO DA FINITUDE

*Death as a contemporary taboo: social representations and the denial of
finitude*

Janaine Vasconcelos¹

RESUMO

A negação moderna da morte, embora busque minimizar a dor, compromete a capacidade de encontrar sentido tanto na vida quanto em seu fim. Este artigo apresenta como a morte é percebida e vivenciada nas sociedades contemporâneas, analisando as transformações culturais que moldaram essa relação. Partindo do conceito de “morte interdita”, de Philippe Ariès (2012)², discute-se como a modernidade deslocou a morte da esfera pública para o espaço privado, tornando-a um tabu. Por meio do conceito de “representações sociais”, de Roger Chartier (1991)³, o texto examina como práticas culturais e simbólicas moldam as percepções e atitude da vida cotidiana. A análise interdisciplinar integra ainda as críticas de Byung-Chul Han (2022)⁴ à modernidade tardia, que busca “matar a morte” ao neutralizar sua negatividade e esvaziar o morrer de significados existenciais. Por meio de uma revisão bibliográfica que dialoga com as obras de Ariès, Chartier e Han, o artigo propõe uma integração da morte como parte do ciclo existencial, sem negá-la ou instrumentalizá-la.

Palabras-Chave: Morte. Representações. Tabu.

¹ Mestranda em Cognição e Linguagem (UENF); Pós-graduada em História do Cristianismo e do Pensamento Cristão (FABAT); Graduada em Teologia (FABAT). Professora da FABAT.

² ARIÈS, Philippe. História da Morte no Ocidente. Rio de Janeiro: Saraiva, 2012.

³ CHARTIER, Roger. O mundo como representação. Estud. av., São Paulo, v. 5, n. 11, abril 1991.

⁴ HAN, Byung-Chul. Morte e Alteridade. Petrópolis: Vozes, 2022.